

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**PERCEÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN**

Jacqueline Santos de Oliveira

Prof^a Dr^a Márcia Duarte

Eixo Temático 2 - Pesquisa e Práticas Educacionais

São Carlos

2014

Percepção das aulas de educação física na educação infantil para alunos com síndrome de Down

RESUMO

A primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil, tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até 5 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. A cada ano mais crianças com deficiência são incluídas nas escolas o que ocorre da mesma maneira com a educação física, mas em algumas situações não vemos estes alunos com deficiência nas aulas, pois o que acontece é que os professores não se sentem preparados para lidar com os mesmos e acabam deixando-os fora das aulas. O presente estudo tem como objetivo caracterizar a prática do professor de educação física na educação infantil junto à criança com síndrome de Down. Para isto, participaram da pesquisa três professores de Educação Física que lecionam na educação infantil e que ministram aulas para crianças com síndrome de Down. A coleta de dados ocorreu em 3 escolas de educação infantil de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A pesquisa encontra-se em andamento e até o presente momento foram realizadas 4 sessões de observação das aulas, com duração de 50 minutos cada, sendo que as mesmas seguiram um protocolo de observação. Os dados coletados e descritos estão sendo analisados através de categorias temáticas. Os resultados parciais analisados até o momento demonstraram que os professores de educação física sentem dificuldade em adaptar suas aulas para incluir seu aluno com síndrome de Down.

Palavras chave: Educação Especial. Educação Física. Educação Infantil. Síndrome de Down.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos, primeiramente, a educação infantil e a Educação Física como importância para o desenvolvimento das crianças e descrevemos as dificuldades dos professores de Educação Física para incluir em suas aulas crianças com deficiência, incluindo as crianças com síndrome de Down.

Educação Infantil e Educação Física

A Educação Infantil é primeira etapa da educação básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL, 1996). Nesta etapa de ensino o currículo deverá ser planejado e desenvolvido dentro de uma cultura de valores para garantir que as experiências das crianças sejam aprendidas de forma positiva (BRASIL, 2006).

A infância apresenta-se como um momento privilegiado e rico de aprendizagens e dentre as propostas pedagógicas da Educação Infantil, a linguagem e a brincadeira, deverão ser uma forma de aprender o mundo, como experiência de cultura e como forma privilegiada de expressão da criança, deve ser vivenciada tanto em situações espontâneas quanto planejadas, pois são elementos que articulam os saberes e os conhecimentos (BRASIL, 2009).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998) propõe que todos os conteúdos sejam organizados em forma de eixos estruturados por idade (zero a três anos; quatro a seis anos), organizados em torno de uma estrutura comum, na qual são apresentadas ideias e práticas correntes relacionadas aos eixos e à criança, bem como aos componentes curriculares: objetivos, conteúdos, orientações didáticas, orientações gerais para o educador e bibliografia.

No Brasil, apesar de sua inegável importância para o desenvolvimento das crianças, a Educação Física não tem ocupado espaço relevante na Educação Infantil.

No artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Darcy Ribeiro, nº 9394, de 1996 (LDBEN/9394/96) a Educação Física está estabelecida como componente curricular obrigatório. O documento estabelece que a Educação Física deva estar integrada à proposta pedagógica da escola e ajustar-se às especificidades de educação da criança e do processo de escolarização nos seus diferentes níveis de ensino. Tal obrigatoriedade encontra-se explícita também no Parecer n.376/97, de 11/6/97, do Conselho Nacional de Educação (CNE), que reafirma o artigo 26 da LDB. Portanto, sendo disciplina obrigatória também na Educação Infantil e não somente no ensino fundamental e médio.

Um dos eixos descritos como importante na dimensão do desenvolvimento e da cultura humana é o eixo movimento. Desse modo, o documento coloca a seguinte concepção:

O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1998, p.15).

Na Educação Infantil os professores de educação física devem dar atenção específica para aspectos no desenvolvimento das crianças, como as habilidades motoras básicas, mesmo não havendo recursos adequados nas escolas é possível recorrer à criatividade de cada um. As habilidades motoras básicas, o conhecimento das partes do corpo (esquema corporal), oralidade, ritmo, imaginação (faz de conta), são algumas das temáticas que fazem parte do repertório da educação física infantil e os professores deste nível de ensino devem transmitir para os seus alunos.

A educação física utiliza a movimentação espontânea da criança como um instrumento da expressão corporal, pois é nesse momento que ela exterioriza seus sentimentos, suas capacidades e dificuldades, além disso, a exploração desses movimentos é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, porque através dos movimentos, as sensações são transformadas em percepções que se organizam e formam estruturas cognitivas que possibilitam as aprendizagens simbólicas (HAGEMANN; RODRIGUES, 1991). E dessa forma é possível verificar que a Educação Física é de suma importância para o desenvolvimento de todas as crianças.

Síndrome de Down e Educação Física

A inclusão escolar para pessoas com deficiência ainda é um desafio que tem que ser vencido a cada dia. Ensinar os alunos com especificidades no processo de aprendizagem requer estratégias, recursos, estrutura e uma cultura escolar diferente do que vivenciamos (VIANNA et al., 2010).

A cada ano mais crianças com deficiência são incluídas nas escolas o que ocorre da mesma maneira com a educação física, mas em algumas situações não vemos estes alunos com deficiência nas aulas, pois o que acontece é que os professores não se sentem preparados para lidar com os mesmos e acabam deixando-os fora das aulas (SOUZA, 2008).

Constatamos na história um processo de modificações no âmbito do desenvolvimento social que se referem ao tratamento da pessoa com deficiência e isto também é válido também para as pessoas com síndrome de Down. A síndrome de Down encontra-se no quadro dos alunos com deficiência intelectual.

A síndrome de Down é uma alteração genética que ocorre na formação do feto no período de divisão celular. A maioria dos casos de portadores da trissomia do 21 é causada pela não-disjunção, resultando em um cromossomo extra. (THOMPSON; MCLNNES; WILLARD, 1993).

As pessoas com síndrome de Down possuem características dismórficas, produzindo um fenótipo distinto, tais como hipotônia observada no recém-nascido, baixa estatura e braquicefalia com um occipúcio achatado. O pescoço é curto, apresentando pele redundante na nuca. A ponte nasal é plana, as orelhas são de implantação baixa e possuem uma aparência dobrada típica, os olhos exibem manchas de Brushfield ao redor da margem da íris. A boca permanece aberta, muitas vezes o paciente mostra a língua sulcada e saliente. As mãos são curtas e largas, frequentemente com uma única prega palmar transversa (“prega simiesca”). Os pés mostram um amplo espaço entre o primeiro e segundo dedos com um sulco estendendo-se próximo à face plantar. Os dermatóglifos (padrões das cristas dérmicas) são altamente típicos. (THOMPSON; MCLNNES; WILLARD, 1993.)

A partir disto, é considerada a necessidade de cuidados especializados que venham aprimorar o desenvolvimento global das crianças com síndrome de Down. Então, é necessária a inclusão dessas crianças na rede regular de ensino, desde a formação infantil. (ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010).

Segundo Toledo e Vitaliano (2012) as salas de aula estão mais heterogêneas com a chegada de alunos com deficiência no ensino comum, o que pode causar desconforto para os professores, em razão das novas exigências em relação à metodologia de ensino para ensinar a todos. Quando há alunos com síndrome de Down, sugere-se que os professores apresentem os conteúdos de forma visual e auditiva, que utilizem recursos que possibilitem a compreensão.

Na educação física o papel do professor é contribuir com uma formação de cidadão, que através da ação educativa possibilite aprendizagens e avanços nas capacidades de adaptação da criança com deficiência e a sua vivência e relação corporal (FALKENBACH et al., 2007).

Então, falando-se do papel do professor em relação aos alunos com síndrome de Down é possível tentar responder como os professores da Educação Física que ministram aula na Educação Infantil lidam com a inclusão das crianças com síndrome de Down nas suas aulas, levando em conta os aspectos motores, cognitivos e afetivos dessas crianças?

Diante do exposto o objetivo deste estudo foi caracterizar a prática do professor de Educação Física na Educação Infantil junto à criança com síndrome de Down.

MÉTODO

Antes de iniciar a coleta de dados, foi feito um contato com a secretária de educação do município alvo para autorização da pesquisa nas escolas de educação infantil da rede municipal que tenham aulas de educação física e crianças com síndrome de Down matriculados em suas classes. Em seguida, foi estabelecido contato com a direção da escola e com os professores de educação física, para explicar os objetivos da pesquisa e os procedimentos de coleta dos dados. Neste encontro serão estabelecidos os dias e período de coleta de dados e entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os professores que consentirem a sua participação.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento. Participaram da pesquisa três professores de educação física que ministrem aulas na Educação Infantil para crianças com síndrome de Down.

Foram utilizados como critérios para ser participante: a) os professores de educação física ministrem aulas na educação infantil e que tenham matriculados em sua turma, aluno(s) com síndrome de Down; b) os professores tenham interesse e aceitem participar da pesquisa.

O projeto de pesquisa foi encaminhado para o comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de São Carlos. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informações a cerca do tema e objetivo da pesquisa. Todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas previstas no estudo.

A coleta de dados junto aos participantes ocorreu em três escolas de educação infantil do ensino público, localizadas em uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo.

Os materiais utilizados na pesquisa: microcomputador, material de escritório e escolar.

Para coleta de dados foi utilizado um roteiro de observação das aulas de Educação Física. Este instrumento trata-se de um protocolo a fim de descrever as aulas de educação física, planejamento das aulas, estratégias utilizadas pelos professores, participação dos alunos e interação dos alunos, professor e aluno com síndrome de Down.

Após o consentimento dos professores, foram realizadas quatro sessões de observação com duração de uma aula cada (50 minutos) nas aulas de educação física. As aulas foram observadas aproximadamente por quatro semanas, a fim de

conhecer as práticas pedagógicas, metodologias utilizadas pelo professor de educação física com os alunos e com o aluno com síndrome de Down.

Os dados coletados foram submetidos a análises constantes a fim de aprimorar as questões definidas. Os dados extraídos das observações foram organizados em categorias temáticas baseadas e submetidas à análise de conteúdo. Através da realização deste estudo, foi possível identificar duas categorias de análise a fim de organizar os dados qualitativos da pesquisa: prática pedagógica e adaptação das aulas.

RESULTADOS PARCIAIS

Os professores que participaram deste estudo serão identificados por (P). E para identificá-los separadamente serão chamados de P1, P2 e P3. E as crianças com síndrome de Down serão chamadas de SD1, SD2 e SD3.

Prática pedagógica

Cada professor tem sua maneira particular de dar aulas e isso não é diferente na Educação Física. No caso dos participantes da pesquisa, a heterogeneidade das aulas é bem nítida comparando um professor a outro.

No caso do P1, suas aulas são livres, ou seja, cada aluno decide o que fazer nas aulas. Somente no início da aula é realizada uma atividade dirigida como aquecimento. O P1 disponibiliza brinquedos que ficam dispostos no pátio e no campinho da escola. Os alunos dividem-se sozinhos para brincar e isso acontece de maneira harmoniosa, pois o P1 estabeleceu para a turma que só podem brincar se não fizerem bagunça e não brigarem com os colegas.

O aluno SD1, na primeira e segunda observação, não participou ativamente do primeiro momento da aula. Ele participava inicialmente, mas em seguida dispersava, olhava para os brinquedos espalhados e brincava com os mesmos. Na parte livre da aula, também na primeira e segunda observação, o SD1 preferia brincar sozinho e não gostava de dividir brinquedos com nenhum colega. Nos alunos com síndrome de Down é identificado atraso em relação às crianças com desenvolvimento típico, no desempenho de atividades que envolvam a comunicação expressiva, compreensão, socialização e resolução de problemas (Mancini e colaboradores, 2003).

O P1 relatou sua tentativa em colocá-lo com os colegas para brincarem juntos, mas que encontra resistência do aluno. Foi perceptível que o P1 estimula a participação do SD1, mas este começa uma brincadeira e perde o interesse rapidamente.

Nas duas últimas observações, foi possível verificar mudança no comportamento do SD1 em relação ao convívio com outros colegas e com o professor. Ele estava mais adaptado e não brincava mais sozinho e acatava a maioria das orientações do P1. O P1 relatou à pesquisadora que sentiu mudanças no comportamento do SD1, devido a alguns colegas de sala que o incluem nas brincadeiras. De acordo com Del Prette e Del Prette (2005) a socialização é a tarefa mais importante no desenvolvimento inicial da criança, pois se caracteriza pela ampliação e refinamento do repertório de comportamentos sociais e pela compreensão de valores e de normas que irão regular o funcionamento da vida das crianças na sociedade. Deste modo, a criança com deficiência, neste caso com síndrome de Down, irá se relacionar consigo mesma dependendo do ambiente em que ela estiver inserida, neste caso o ambiente escolar, e se o mesmo for acolhedor e produtivo, ela se sentirá acolhida e produtiva. (ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010).

As aulas dos professores P2 e P3 são dirigidas e aparentemente planejadas. O P2 utiliza o método de aquecimento como atividade inicial, desenvolvimento com atividades que exigem dos alunos movimentos grossos e finos e volta à calma. Suas aulas são totalmente musicais e a maior parte das atividades são comandos das músicas. O aluno SD2 não participa ativamente das aulas, pois de acordo com a P2 ele sempre está cansado em suas aulas, devido a suas aulas anteriores e no turno oposto sua ida à APAE. O P2 solicita a participação do SD2 praticamente a aula inteira, mas o aluno se distrai com outros acontecimentos na escola ou fica deitado em um banco. Somente na última aula que o SD2 participou quase que 100% da aula, pois de acordo com o P2, a mudança de horário da aula para o primeiro horário é importante porque o aluno não está cansado para a aula.

O P3 também utiliza nas aulas a metodologia de aquecimento, parte principal da aula e volta à calma. O aluno SD3 participa da aula, mas, às vezes, se distrai com qualquer evento fora da aula. O P3, nesses momentos, tenta trazer o SD3 para sua aula e na maioria dos momentos foi positiva a tentativa. O SD3 ao participar das aulas, e quando não consegue realizar algum movimento proposto pelo professor P3, tentar imitar os movimentos dos colegas.

Adaptação das aulas

Nos três casos os participantes P1, P2 e P3 não adaptam as atividades de suas aulas para incluir os alunos com síndrome de Down. O que acontece de diferente, em relação aos outros alunos, é o auxílio aos SD durante as atividades. Por exemplo, P2, ao ver que o aluno está deitado ou não participando das aulas, insiste e pega o aluno para participar das atividades mesmo sem sucesso e o P3 que auxilia

fisicamente o aluno quando o mesmo não consegue realizar as atividades de acordo com o proposto.

Percebe-se que os professores, mesmo não adaptando previamente suas aulas em relação às crianças com síndrome de Down, tentam incluí-los nas suas aulas, mesmo sem suporte ou ajuda de um professor especialista. De acordo com Anhão, Pfeifer e Santos (p. 43, 2010) a inclusão “vai além do ato de inserir, de trazer a criança para dentro da escola de Educação Infantil. Significa envolver, compreender, participar e aprender.”. Isso significa que cada um desses professores tem seu jeito de incluir seus alunos nas aulas e que não há uma fórmula de inclusão feita para todos, pois cada pessoa tem suas habilidades e dificuldades, independente se tem alguma deficiência ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos questões disparadoras das presentes reflexões, podemos afirmar que, para os professores investigados, cada aluno irá apresentar uma necessidade educacional diferente nas aulas de educação física, seja um aluno com deficiência ou sem deficiência. O professor necessitará utilizar-se de estratégias que possibilitem a participação de todos na aula de acordo com suas especificidades.

Os dados preliminares possibilitam visualizar a dificuldade que professores de Educação Física na educação infantil tem em adaptar suas aulas para incluir seu aluno com síndrome de Down. Há uma necessidade de um suporte mais específico para estes professores poderem nortear-se diante de um aluno com síndrome de Down durante suas aulas.

Apesar da falta de suporte, foi possível observar aspectos positivos, pois, mesmo não adaptando suas aulas, os professores tentavam incluir os alunos com síndrome de Down, mesmo sem sucesso. É evidente a necessidade de mais estudos sobre esta temática e estudos de suporte para que os professores de Educação Física possam incluir todos os alunos em suas aulas, como também alunos com síndrome de Down.

REFERÊNCIAS

- ANHÃO, P. P. G.; PFEIFER, L. I.; SANTOS, J. L. Síndrome de Down e interação social na educação infantil. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.1, p.31-46, Jan.-Abr. 2010.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. seção 1, p. 27834-27841. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2013.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Volumes 1,2 e 3. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pcns/educacaoinfantil/volume1.PDF>>. Acesso em: 25 de agosto de 2013.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer 376/97. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pces376_97.pdf>. Acesso em: 20 de setembro 2013.
- _____. Resolução CNE/CP 1/2002, de 18 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da educação Básica. **Diário Oficial da União**. Brasília, 09 de abr. 2002.
- _____. **Educação infantil: saberes e práticas de inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, MEC, 2006.
- _____. **Subsídios para diretrizes curriculares nacionais específicas da educação básica**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.
- DEL PRETTE, Z.A.P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- FALKENBACH, A. P., CHAVES, F. E., NUNES, D. P., NASCIMENTO, V. F. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.37-53, maio/agosto de 2007.
- HAGEMANN, M., RODRIGUES, M. B. **Criança cresce brincando**. Porto Alegre. Editora Magister, 1991.
- MANCINI, M. C. et al. Comparação do desempenho funcional de crianças portadoras de síndrome de Down e crianças com desenvolvimento normal aos 2 e 5 anos de idade. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 61, n. 2B, 2003.
- SOUZA, J. V. **Tutoria: estratégias de ensino para inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física**. Tese (Educação Especial). PPGEEs (Programa de Pós Graduação em Educação Especial). UFSCar. 136 p., 2008.
- THOMPSON, M., MCLNNE, R., WILLARD, H. Thompson & Thompson Genética Médica. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A.1993.
- TOLEDO, E. H., VITALIANO, C. R. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.18, n.2, p. 319-336, Abr.-Jun., 2012.
- VIANNA, M. M., BRAUN, P., SANTOS, C. A., FERNANDES, T. **O trabalho colaborativo em sala de aula: estratégia para favorecer processos de inclusão e de formação docente**. IV Congresso Brasileiro de Educação Especial., VI Encontro Nacional dos Pesquisadores de Educação Especial, 2010, São Carlos, São Paulo.